

**O PAPEL DA IMPRENSA NA HISTÓRIA
DA POESIA GAÚCHA: REFLEXÕES A
PARTIR DAS OBRAS DE DONALDO
SCHÜLER E LUÍS AUGUSTO FISCHER**

EMANUELLE TRONCO BUENO* 
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE,
RIO GRANDE, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL
SYLVIE DION** 
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE,
RIO GRANDE, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL

RESUMO

Este artigo tem como proposta refletir sobre o papel da imprensa na história da poesia gaúcha a partir das obras *A poesia no Rio Grande do Sul*, de Donaldo Schüler, e *Um passado pela frente: poesia gaúcha ontem e hoje*, de Luís Augusto Fischer. Para isso, recorre-se às contribuições da história da literatura e sua articulação com a história da imprensa. A fim de dar conta da proposta, metodologicamente, aplicou-se a pesquisa bibliográfica, com a pretensão de compreender o papel da imprensa (e do jornalismo) na história literária. Para técnica de análise, elencou-se a análise de conteúdo, que possibilita rastrear os vestígios sobre a imprensa e a poesia gaúcha nas duas obras. Por fim, identificou-se que a imprensa está presente em diversos momentos decisivos e de ruptura da história da poesia gaúcha.

Palavras-chave: imprensa; História da Literatura; poesia gaúcha; Rio Grande do Sul.

ABSTRACT

This article proposes to reflect on the role of the press in the history of Rio Grande do Sul poetry from the works *A poesia no Rio Grande do Sul*, by Donaldo Schüler, and *Um passado pela frente: poesia gaúcha ontem e hoje*, by Luís Augusto Fischer. For this, we resort to the contributions of the history of literature and its articulation with the history of the press. In order to carry out the proposal, methodologically, a bibliographic research was applied, with the intention of understanding the role of the press (and journalism) in literary history. For the analysis technique, the content analysis was listed, which makes it possible to trace the traces about the press and the gaúcha poetry in the two works. Finally, it was identified that the press is present in several decisive and rupture moments in the history of Rio Grande do Sul poetry.

Keywords: Tpress; History of Literature; gaúcha poetry; Rio Grande do Sul.

* Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande (PPGL/FURG). E-mail: emanuelletb@gmail.com

** Doutora em Literatura Comparada pela Université de Montreal (UdeM). E-mail: sylviedion@mikrus.com.br

INTRODUÇÃO

Já é alargada a discussão sobre o papel da imprensa ao longo da história, seus limites e possibilidades, sobretudo em acontecimentos relevantes para vida em sociedade. Neste ato, propõe-se contribuir com as pesquisas que investigam a relevância da imprensa dentro do quadro histórico e da constituição da poesia sul-rio-grandense.

No caso deste artigo, a proposta é de refletir analiticamente sobre o papel da imprensa na história da poesia gaúcha a partir das obras *A poesia no Rio Grande do Sul*² e *Um passado pela frente: poesia gaúcha ontem e hoje*³. O *corpus* de análise, portanto, é composto por estas duas obras, que visam compilar a história da poesia no Estado.

Metodologicamente, desenvolveu-se o estudo a partir da pesquisa bibliográfica, a qual contemplou a relação conceitual entre imprensa e literatura, a fim de dar subsídios teóricos para refletir sobre o papel da imprensa no cenário da poesia gaúcha. A técnica da análise de conteúdo⁴ serviu para selecionar os pontos relativos à temática nas obras do *corpus*, bem como dar subsídios para posterior reflexão contundente.

O PAPEL DA IMPRENSA (E DO JORNALISMO) NA HISTÓRIA DA LITERATURA

A imprensa⁵ e a literatura têm uma longa história em comum, principalmente no que tange ao papel dos escritores na evolução dos veículos de comunicação. Essas trocas e tensões aconteceram de várias maneiras e em diversos níveis. A publicação anterior de obras – que posteriormente se tornaram clássicas – nos jornais de grande circulação contribuiu para ampliar o público leitor. Da mesma forma, o estilo e a criatividade dos escritores também influenciaram na formatação dos periódicos, diagramação e disposição dos conteúdos informativos nas páginas. Além do mais, como largamente difundido, conhecidos poetas do século XIX foram também jornalistas e, durante os séculos XX e XXI, as interações entre jornalismo e literatura mantiveram-se intensas.

O jornalismo brasileiro, não diferente do que ocorreu nos demais países, surge associado à literatura e à política. “O primeiro jornal brasileiro, não sem razão intitulado *Correio Brasiliense ou Armazém Literário*, de Hipólito da Costa, já trazia esse caráter amplo

2 SCHÜLER, Donaldo. *A poesia no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

3 FISCHER, Luís Augusto. *Um passado pela frente: poesia gaúcha ontem e hoje*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998.

4 BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2006.

5 Cabe salientar, de pronto, que este trabalho compreende o termo imprensa como conjunto de jornais ou publicações congêneres, sendo o jornalismo parte integrante da imprensa, pois é executado através destes veículos de comunicação social, como jornais, revistas, rádios, etc.

de jornalismo como escrita doutrinária em bom estilo”⁶. Mas tal relação não nasce de uma preocupação dos jornalistas com a escrita literária, ou mesmo no sentido de dependência desse conteúdo. A literatura se fazia presente nas páginas dos periódicos com intuito retórico ou de atratividade através de textos “propriamente ficcionais ou quase-ficcionais, conforme se pode verificar no espaço das variedades e dos folhetins do qual se originou a crônica”⁷.

Nesse sentido, essa interrelação jornalismo-literatura-política, verificada no surgimento da imprensa brasileira, mantém-se com ressalvadas adaptações durante o século XIX até meados do século XX. Pouco a pouco, os periódicos se desvencilham desse formato, de forma a primar pela informação, afastando-se preliminarmente do estilo e da criatividade captados do padrão de narrativa literária. Na década de 1970, elucida o autor⁸, os jornalistas resgatam esse formato de escrita voltado para um senso estético e artístico, dando origem ao romance-reportagem.

De fato, a relação imprensa e literatura sofre ajustes ao longo das diferentes épocas, mas ambas possuem representatividade no desenvolvimento histórico uma da outra. Olhar para o papel da imprensa, portanto, perpassa a discussão sobre a história da literatura.

O livro *A história da literatura como provocação à teoria literária* surge a partir da conferência de abertura do ano letivo da Universidade de Constança proferida por Hans Robert Jauss em 1967. Na introdução da palestra, o autor é categórico ao dizer que não visualizava uma “verdadeira” história da literatura que conjugasse tanto a historicidade das obras quanto as suas qualidades estéticas, sem deixar que uma sobrepusesse a outra ou a suprimisse. Pelo contrário, aponta para uma decadência ao longo dos anos da história da literatura, que teve seu apogeu no século XIX, momento que era apresentada “a ideia de individualidade nacional a caminho de si mesma”⁹, ou seja, a história da literatura de certa forma confundida com a história da civilização de um povo e subordinada a determinada ideologia nacional – história da literatura como ramo da história geral.

Alvo das dificuldades do seu objeto e dos seus exageros, a história da literatura foi marginalizada no âmbito do campo dos estudos literários¹⁰. A longa crise que a história literária atravessou ocorreu devido à crise do próprio conceito de história que a suportava e ao questionamento da perspectiva da literatura como expressão da sociedade.

6 COSSON, Rildo. *Fronteiras contaminadas: literatura como jornalismo e jornalismo como literatura no Brasil dos anos 1970*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007. p. 98.

7 COSSON, 2007, p. 98.

8 COSSON, 2007.

9 JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Editora Ática, 1994. p. 5.

10 BARRENTO, João (org.). *História literária: problemas e perspectivas*. Lisboa: Apáginastantas, 1986.

Jauss¹¹ formula, em sua obra, uma proposta a partir da carência observada: para o autor, a história da literatura deve levar em conta os critérios de recepção, do efeito produzido pela obra nos leitores, meta principal daquele que produz a obra e da obra em si. Destacando a importância de uma articulação entre o artístico e o estético, o autor condicionou a recepção da obra literária à relação dialógica entre a literatura e a experiência do leitor.

A história da literatura procura entender todas as modificações que a produção literária passou ao longo da evolução da sociedade. Em outros termos, as duas áreas são “órbitas do mesmo sistema institucional: contribuem ambas para a seleção de alguns textos que, recortados do conjunto de seus semelhantes, constituem o cânon literário de um gênero, de um período, de uma comunidade”¹².

Segundo Rocha¹³, referindo-se a Chartier (1990), a distinção entre história e ficção (literatura) é hesitante. A primeira pretende realizar uma representação adequada do real que foi e não é mais; e a segunda, em todas as suas formas, é um discurso que informa da realidade, mas não pretende assegurá-la fielmente. Todavia, conforme aponta Perkins¹⁴, há semelhanças estruturais entre as formas narrativas históricas e literárias, tendo em vista que narrar é “a transição através do tempo, de um estado de coisas a outro diferente, e um narrador nos conta essa mudança”. De acordo com o autor, a forma literária, dotada de suas características estilísticas, realiza esta transição, e é isso que guia o narrador na organização da narrativa – marcada pelas seleções, omissões, ênfases e descrições.

Enquanto unidade, a história da literatura descreve e narra períodos literários de dada sociedade – e a história da imprensa (e do jornalismo) é parte de suas produções. Para além das relações históricas, o jornalismo e a literatura encontram-se também em questões estruturais, a exemplo da subjetividade, característica do jornalista-escritor-autor. Segundo Silva¹⁵, “a literatura é uma forma de dizer o mesmo com outras palavras. O jornalismo é um conteúdo dito de forma que se perca o mínimo. Chega-se melhor ao conteúdo por meio de deformações eficazes”. Ou seja, a medida da deformação necessária para dar forma expressiva a um conteúdo bruto é trazida da literatura e compete ao jornalista fazê-lo.

11 JAUSS, 1994.

12 LAJOLO, Marisa. Literatura e história da literatura: senhoras muito intrigantes. In: MALLARD, Leticia *et al.* *História da literatura: ensaios*. Campinas: Editora da Unicamp, 1995. p. 19-36.

13 ROCHA, João Cezar de C. (org.). *Roger Chartier; a força das representações: história e ficção*. Chapecó: Argos, 2011.

14 PERKINS, David. História da literatura e narração. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 1-58, mar. 1999. p. 1.

15 SILVA, Juremir Machado da. O que escrever quer calar? Literatura e jornalismo. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (org.). *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p. 50.

A literatura não é apenas transmissora de informações; ela cria em cada ser aquilo que os sentidos o levam a interpretar. Já o jornalismo envolve uma série de atividades que visam levar a informação ao público, adotando a função de contador de histórias, que “a seu modo – com o rigor da técnica e o vigor da ética e da estética, de preferência –[,] não faz outra coisa senão reconstruir continuamente o mapa do presente imediato”¹⁶. Portanto, a função primeira do jornalismo está exatamente em possibilitar a orientação e a indicação de caminhos textuais, que, segundo a analogia de Nascimento¹⁷, seria a construção de um bom mapa capaz de orientar os viajantes de maneira eficaz – o que não deixa de ser o propósito da narrativa literária.

A produção jornalística é orientada pela máxima da objetividade e marcada pela subjetividade intrínseca ao jornalista. A objetividade jornalística surgiu com o Positivismo de Augusto Comte, que promoveu a distinção entre o fato e o juízo de valor, ou seja, entre o acontecimento e a opinião. Essa distinção culminou na diferenciação entre jornalismo opinativo e informativo. A objetividade aparece como uma luta simbólica pela imposição de um produto mediático mais legítimo, seguindo procedimentos de produção de notícia, que envolvem planejamento, pesquisa, consulta a diversas fontes, bem como texto claro e simples.

Todavia, as técnicas da objetividade não eliminam a presença do subjetivo em um texto, “e nem poderiam fazê-lo – basta lembrar que ‘aquele que escreve’ e ‘o mundo sobre o qual escreve’ são entidades indissociáveis, uma vez que participam de um mesmo todo de significação, a linguagem”¹⁸. Sendo assim, é na característica da subjetividade que o jornalista manifesta sua individualidade num compromisso com as restrições próprias ao universo a que pertence, ou seja, trata-se de um estado particular do sujeito enquanto manifestante de sua própria especificidade por meio da comunicação. Nesse raciocínio, afirma Pedrebon¹⁹, “a espécie humana tem capacidade inata e exclusiva de raciocinar construtivamente”, produzindo “o que tranquilamente pode ser chamado de criatividade”.

Sendo assim, é junto à subjetividade do próprio jornalista, nas suas escolhas e intuições, que se desenvolve a criatividade do agir profissional, uma vez que “os processos de criação ocorrem no âmbito da intuição” e, embora integrem “toda experiência possível ao indivíduo, também racional, trata-se de processos essencialmente intuitivos”²⁰.

16 NASCIMENTO, Patrícia Ceolin. *Técnicas de redação em jornalismo: o texto da notícia*. São Paulo: Saraiva, 2009. p. 16.

17 NASCIMENTO, 2009.

18 NASCIMENTO, 2009, p. 103.

19 PREDEBON, José. *Criatividade: abrindo o lado inovador da mente – um caminho para o exercício prática dessa potencialidade, esquecida ou reprimida quando deixamos de ser crianças*. São Paulo: Atlas, 2010. p. 13.

20 OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Vozes, 2007.

Há, entretanto, diferenças na base conceitual entre os campos da literatura e da imprensa – e, por conseguinte, do próprio jornalismo. A obra de arte literária recria a realidade, permite a reconfiguração e promove a criação livre de fatos, ao passo que não se compromete com o real²¹. Mesmo podendo representar a realidade, a ficção é intrínseca à literatura, sendo que um de seus propósitos também é chegar na dimensão imaginativa. Já o jornalismo, convencionado pelas redações de jornais impressos, tem como matéria a realidade fundada no discurso de verdade e transparência. Entretanto, não se pode negar que, por outro lado, o jornalismo também é tido como uma atividade informativa de produção simbólica e periódica de informações atuais e de preferências desconhecidas. Dessa forma, possui a tarefa de coletar informações reais e, então, precisa selecioná-las, hierarquizá-las, torná-las acessíveis, coerentes, sedutoras e divulgá-las publicamente para que a sociedade “conheça essas informações e possa se posicionar ou se beneficiar delas”²².

A partir desse encadeamento, a imprensa (e o jornalismo) e a literatura também passam a convergir enquanto reprodutores de narrativas. Os dois eixos utilizam da narração como recurso para apresentar fatos e acontecimentos de forma sucessiva. A diferença está em como a realidade vai se revelar ao leitor, se é por meio da ficção ou através da suposta objetividade jornalística.

Tais reflexões apontam para a necessidade de ampliar as considerações sobre o papel da imprensa (e do jornalismo) na história da literatura, tendo em vista a aproximação teórica, conceitual, estrutural e histórica entre as áreas. Isso porque a fronteira entre o jornalismo e a literatura está cada vez mais difusa, “cada uma recorrendo aos recursos e cosmovisões da outra, como forma de desvendar o mundo e propô-lo com um sentido e uma tarefa ao leitor”²³. Mas essa intersecção dos campos não é discussão recente. Na década de 1960, Lima²⁴ já chamava o jornalismo de “literatura em prosa de apreciação de acontecimentos”, cujo objeto seria a informação imediata desses fatos. Seguindo na mesma reflexão, Pereira Lima²⁵ explica que, inicialmente, o jornalismo usou os recursos estilísticos da literatura para comunicar e, com o tempo, é esta que recorre ao jornalismo.

21 BULHÕES, Marcelo. *Jornalismo e literatura em convergência*. São Paulo: Ática, 2007.

22 TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. Fronteiras híbridas: o jornalismo e suas múltiplas delimitações. In: TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa; SANTOS, Marli dos (org.). *Fronteiras híbridas do jornalismo*. Curitiba, Appris, p. 21-34, 2015. p. 22.

23 CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (org.). *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p. 13-14.

24 LIMA, Alceu Amoroso. *O jornalismo como gênero literário*. Rio de Janeiro: Agir, 1969.

25 PEREIRA LIMA, Edvaldo. *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. São Paulo: Editora Unicamp, 1995.

Segundo Scliar²⁶, existe uma fronteira entre o jornalismo e a ficção (literatura), “mas é uma fronteira permeável, que permite uma útil e amável convivência”. E essa fronteira que separa os dois campos da linguagem é atenuada quando o jornalismo toma consciência de elementos da narrativa literária. Conforme aponta Silva²⁷, “o jornalismo encontra-se com a literatura quando toma consciência da carne e do silêncio das palavras”. Isso significa que o jornalista escreve com determinada forma e estilo a partir de uma seleção – o que implica pensar em omissão. Para o autor, é o comunicar em “entrelinhas”.

Quando se fala em literatura, a inexpressão também pode representar um estilo, mas no jornalismo ser expressivo é algo inerente ao texto. Por isso, explica Silva²⁸, que “o jornalismo não pode viver sem a consciência da literatura. É no exercício prosaico que se aprende a matemática da expressão. Da ambiguidade compreendida retira-se a objetividade verossímil”.

Nessa percepção, de acordo com Medina²⁹, “a literatura ajuda o jornalismo a que este se torne mais humano”. No mesmo sentido, Pena³⁰ aposta no que chama de “jornalismo literário” como alternativa às estruturas rígidas da imprensa, uma saída para o jornalismo navegar por outros mares, repletos de significações, jogos de palavras e figuras de linguagem.

O que se pode verificar, nesta concisa revisão bibliográfica aqui empenhada, é que o papel da imprensa (e do jornalismo) na história da literatura é vasto, heterogêneo e, portanto, difícil de ser indicado de forma categórica. Esta visão ampla servirá de base para a discussão a seguir, em que se passa às reflexões sobre história da poesia gaúcha.

A IMPRENSA ESPAÇO DE REPRODUÇÃO LITERÁRIO

Na obra *A poesia no Rio Grande do Sul*³¹, que abriga extensiva pesquisa, o autor concluiu que existem duas vertentes da produção poética dos gaúchos: texto monárquico e texto arcaico. O primeiro, texto monárquico, seria a produção advinda de concepção ufanista, desfiguradora da efetiva condição dos gaúchos, produção de olhar urbano sobre a vida campesina. O segundo, texto arcaico, refere-se à produção assentada em fundamentos textuais de origem oral.

26 SCLIAR, Moacyr. *Jornalismo e literatura: a fértil convivência*. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (org.). *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p. 14.

27 SILVA, 2002, p. 47.

28 SILVA, 2002, p. 50.

29 MEDINA, Cremilda. *Povo e personagem*. Canoas: Ulbra, 1996. p. 215.

30 PENA, Felipe. *Jornalismo literário*. São Paulo: Contexto, 2019.

31 SCHÜLER, 1987.

Argumentando sobre o lugar da poesia na história, o texto aponta que “a poesia está no princípio. A poesia é fundadora da sociedade, da linguagem e do mundo”³². De pronto, o autor eleva a patamar quase sublime a condição desse gênero literário, fato que aparenta justificar as esparsas citações da relação imprensa-literatura ao longo de sua obra de 347 páginas.

Ao apresentar a poesia serrana de Ernani Fornari, marcada na década de 1920 pelo trem que partira de Porto Alegre rumo à serra gaúcha, o autor estabelece a primeira associação entre a poesia riograndense e um “meio de comunicação”: “O mundo aparece em movimento. Já não são as artes plásticas que invadem a poesia, mas o cinema. A relação poesia-cinema foi conscientemente percebida pelo poeta”³³.

Nas páginas seguintes, o autor chega a citar a relação poeta-imprensa, mas não se atém nesta associação: “Oswald de Andrade foi o corifeu da Antropofagia e simpatizavam com suas idéias Tarsila do Amaral, em cujo solar se reunia o grupo, Antônio de Alcântara Machado, diretor da *Revista de Antropofagia*, Raul Bopp e muitos outros”³⁴. É a primeira marca aparente da relação dos poetas gaúchos com a imprensa, seja com cargos, como colaboradores ou como jornalistas atuantes.

A primeira (e única) relação mais explícita em forma descritiva do poeta com a imprensa é na parte dedicada a Mario Quintana, a qual convém transcrever na íntegra:

Boa parte da produção poética de Mario Quintana aparece nas páginas do *Correio do Povo* de Porto Alegre antes de subir em forma de livros às estantes. Nenhuma produção literária é mais adequada do que a sua ao informativo diário. A vida do jornal reside na sua falência e regeneração diárias. Nenhuma publicação envelhece e se regenera com tanta rapidez. E é precisamente este envelhecimento e esta regeneração que Mario Quintana poetiza: “Os verdadeiros poetas não lêem os outros poetas. Os verdadeiros poetas lêem os pequenos anúncios dos jornais”³⁵.

Daí advém a intrínseca relação de Quintana com a imprensa/jornalismo. A imprensa alimenta seus textos e o poeta, por sua vez, alimenta a imprensa. Ambos movidos pelo cotidiano e pela arte de colocá-lo em palavras. Fato confirmado na descrição dos textos do autor, que: “decidiu penetrar no cotidiano com esta forma descomprometida que se avizinha da linguagem que trazemos nos lábios para o uso banal, com a poetização da vida, o poeta opera a poetização da linguagem”³⁶.

32 SCHÜLER, 1987, p. 141.

33 SCHÜLER, 1987, p. 154.

34 SCHÜLER, 1987, p. 169.

35 SCHÜLER, 1987, p. 233.

36 SCHÜLER, 1987, p. 234.

É válido ressaltar³⁷ que a primeira obra de Mario Quintana, *A Rua dos Cata-ventos*, foi publicada em 1940 e somente em 1953 o autor iniciou suas atividades no jornal *Correio do Povo*, vinculando-se ao meio de comunicação durante 24 anos. Mas a relação dos textos de Quintana com a imprensa começou antes desse período. Aos 17 anos, publicou um soneto no jornal de Alegrete, cidade natal do poeta, com o pseudônimo JB. Suas produções literárias também passaram, dentre outros periódicos, pelo jornal *Diário de Notícias de Porto Alegre*, no jornal *O Estado do Rio Grande* e na *Revista do Globo*³⁸.

Após, ao tratar sobre o cenário político do Rio Grande do Sul e a proliferação dos grupos literários, Schüller³⁹ apenas cita a revista *Crucial*, enumerando em sequência outros poetas e obras que julgou relevantes. Embora o autor não tenha explorado esse (nem outro) periódico produzido por grupos literários a partir de 1940 no estado, revela-se pertinente citar que o idealismo dos jovens protagonistas da época marcou não só a história literária, mas também a história da imprensa.

As revistas literárias, de fundamentação essencialmente críticas, tem impulso no Brasil a partir da ruptura proposta pelos modernistas de 22. Até meados de 1950, apresentam-se como veículos de expressão de jovens interessados pela literatura, de defesa de novos valores, de desejo de mudança⁴⁰. No mesmo interim, a *Crucial* foi uma revista literária criada por um grupo de jovens em Porto Alegre, em 1951, envolvendo escritores como Paulo Hecker Filho, Linneu Dias, José Paulo Bisol e Vera Mogilka⁴¹ e abrindo espaço para experimentação literária impulsionados pelo viés modernista.

A revista *Crucial* possui íntima ligação com o Grupo Quixote⁴², pois o objetivo de mudança na cena literária da Porto Alegre da época era comum a ambos. O âmago crítico e o explícito desejo pelo “novo” já pressupõem que a relação desses jovens com a imprensa apresentou farpas e “agulhadas”. Acompanhados pelo histórico abismo que muitos insistem em sustentar entre “escritor” e “jornalista”, os movimentos e as ações desses jovens questionavam as questões econômicas oriundas do capitalismo e a influência política que já regia as linhas editoriais dos periódicos da década de 1950 em Porto Alegre.

37 Fato omitido por Donaldo Schüller.

38 Ainda não há uma biografia definitiva de Mario Quintana, falecido em 1994, em Porto Alegre/RS. A característica autobiográfica da obra do autor, fato reconhecido pelo próprio, talvez seja um dos fatores de tal ausência. Para tanto, os dados foram retirados do site da Casa de Cultura Mario Quintana, Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.ccmq.com.br/site/>. Acesso em: 10 set. 2019.

39 SCHÜLER, 1987, p. 238.

40 PRESTES, Felipe Nascimento. *Crucial: literatura e idealismo em Porto Alegre [1951-54]*. 2009. Trabalho de Conclusão do Curso (Graduação em Comunicação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <http://bit.ly/2pq4vun>. Acesso em: 1 ago. 2019.

41 SCHÜLER, 1987, p. 239.

42 Que será sabiamente abordado na obra de Luís Augusto Fischer, discutida na sequência. Diferentemente de Fischer (1998), que abre espaço para estas representações juvenis na poesia gaúcha, Schüller (1987) não se atém nestes movimentos.

Outro poeta que Schüller⁴³ trouxe para sua história da literatura, o considerando assim relevante para produção poética gaúcha, foi Pedro Geraldo Escosteguy. Sobre o tema aqui abordado, Schüller dedica algumas linhas para relatar a relação do escritor com a imprensa: “Nos anos 60 e 61 mantém na revista *O Cruzeiro* uma página com anticontos. Já na época se observou que os seus anticontos são, na verdade, poemas”⁴⁴.

Conforme captado até dado momento, embora Schüller (1987) não tenha citado a relação de todos os poetas gaúchos relacionados em sua obra com a imprensa da época, esta relação aparece mesmo de forma não intencional, pois a história da imprensa está intimamente ligada à literatura⁴⁵.

Ainda na década de 1960, o poeta César Pereira também estampa as páginas da obra de Schüller: “a parte mais significativa da produção poética de César Pereira ainda não foi acolhida em livro. Relegada ao jornal, sobrevive em raros arquivos”⁴⁶. Ao passo que se identifica uma intenção de ressaltar a rejeição por parte do setor editorial e a característica mais efêmera do jornal em comparação à perenidade dos livros, pode-se perceber também uma depreciação da imprensa, representada pelo extinto jornal *Diário de Notícias*, páginas em que César Pereira publicava seus textos. Não cabe aqui discutirmos o fato de Schüller classificar o jornal como espécie de “plano secundário”, mas, sim, a representatividade da imprensa da época enquanto espaço de divulgação alternativo a diversas poesias “abandonadas” pelo cânone literário.

Uma última relação identificada entre imprensa e literatura na obra de Schüller está nos parágrafos destinados à Rossyr Berny, “poeta marginal à sua maneira”⁴⁷. O autor compara as produções deste poeta com os textos da imprensa, o que passa a impressão de que o “marginal” refere-se a certa marginalização da literatura, fugindo dos rigores editoriais. Berny é gaúcho, natural de São Gabriel, jornalista de formação, o que explica suas artimanhas para chegar ao leitor de forma mais palatável. Este fato pode induzir a uma reflexão sobre a possível aproximação (e, quiçá, hibridização) entre elementos literários e jornalísticos.

Deste modo, arrisca-se na afirmação de que não só a imprensa também serve à literatura (enquanto veículo de comunicação, por seus elementos e técnicas jornalísticas etc.), mas a literatura também serve à imprensa (enquanto fonte de informação, conteúdo, técnicas de

43 SCHÜLER, 1987.

44 SCHÜLER, 1987, p. 283.

45 COSSON, 2007, p. 98.

46 SCHÜLER, 1987, p. 284.

47 SCHÜLER, 1987, p. 334.

narratividade etc.). Tendo em vista as raras e breves associações de Schüller⁴⁸, tende-se a refletir que sua posição da imprensa na história da poesia gaúcha seria enquanto espaço de reprodução dos textos literários.

A IMPRENSA COMO PARTE DA HISTÓRIA DA POESIA GAÚCHA

A obra *Um passado pela frente: poesia gaúcha ontem e hoje*⁴⁹, escrita por Luís Augusto Fischer e dividida em seis partes, traz uma compilação da face poética da literatura sul-riograndense de forma muito consciente, pois alerta sobre a dificuldade de mapear e selecionar autores e excertos para comporem a estrutura da obra. De certa forma, a obra consegue apresentar seu papel crítico contundente, sem menosprezar a cultura do Rio Grande do Sul, mas também sem deixar de ressaltar pontos relevantes para sua análise: “temos várias contas a ajustar com nossa história, e desse confronto imagino que sairão umas belas possibilidades, que a poesia saberá aproveitar”⁵⁰.

O primeiro capítulo, “A história conta”, já aponta para uma herança jornalístico-literária no Rio Grande do Sul. A imprensa literária gaúcha ganha destaque na segunda metade do século XIX, período em que diversos periódicos literários veiculam e são descontinuados, somando cerca de 70 publicações que agregam a vida intelectual da então província⁵¹. Este cenário aponta para o avanço da literatura riograndense e o surgimento de seus primeiros grupos literários, bem como para um novo perfil de leitor que estava a surgir em resposta a esses movimentos culturais.

Neste contexto, Fischer⁵² traz as revistas *O Guaíba*⁵³ e *Arcádia*⁵⁴. Na sequência, resgata a importância da Sociedade Partenon Literário, uma associação literária brasileira criada em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, considerada a principal agremiação cultural do Estado no século XIX. A instituição ansiava estimular os porto-alegrenses ao contato com a literatura e proporcionar um círculo que impulsionasse o pensamento crítico. O material cultural publicado na imprensa era escasso, até mesmo porque a imprensa da época ainda não era sólida.

48 SCHÜLER, 1987.

49 FISCHER, 1998.

50 FISCHER, 1998, p. 12.

51 STRELOW, Aline do Amaral Garcia. Imprensa literária no Rio Grande do Sul no século XIX: textos e contextos. In: ENCONTRO DOS GRUPOS DE PESQUISAS EM COMUNICAÇÃO, 11., CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 34., 2012. Anais [...]. Porto Alegre: Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2012. p. 1-9. Disponível em: <http://bit.ly/2orsZD6>. Acesso em: 10 set. 2019.

52 FISCHER, 1998.

53 Revista lançada em 1856 e que encerrou suas atividades em 1858.

54 Revista lançada em 1867 e com última edição publicada em 1870.

Nesses termos, para atender ao objetivo, o Partenon criou seu próprio veículo. O informativo também incentivou a produção literária local, além de difundir os princípios defendidos pela instituição: ideias republicanas, abolicionistas e feministas. Era uma proposta atrativa para a pequena Porto Alegre de cerca de quarenta mil habitantes. Assim, a instituição representou um ambiente de inteligência, uma vez que os integrantes do grupo souberam somar esforços, agregar suas vontades e criar um circuito intelectual⁵⁵.

A década de 1940 é marcada pela relação literatura-imprensa, representada principalmente pelo Grupo Quixote. Fischer⁵⁶, sobre esta temática, levanta o seguinte questionamento: “de que modo, então, a juventude quixote avaliou tal concretização do velho sonho da autonomia literária gaúcha?”. Entre 1947 e 1961, o Grupo Quixote foi uma presença ativa na cena cultural porto-alegrense, especialmente na área literária. Cabe ressaltar que a figura de Dom Quixote, homenageada pelo nome do Grupo, é a mais alta representação do homem junto aos espanhóis, único e solitário, cultivava a virilidade, a dignidade e o desejo sempre manifestos de reinar sobre os outros homens – ou seja, cultivava um conceito particular de honra, o “honor” espanhol. Ousados, os estudantes pretendiam uma intervenção cultural e política na cena sul-rio-grandense, assim como um embate com a geração mais velha que detinha os poderes político e cultural, e a principal ferramenta seria a edição de uma revista – de certa forma, supõe-se que já vislumbravam a força da imprensa para a comunicação de massa.

Na visão de Fischer, o Grupo Quixote foi representativo para história da poesia gaúcha, tendo em vista que expressou – mesmo que de forma involuntária – “esse paradoxo tão típico do estado, ecoando a voz que vem desde o século anterior: para aceitar o progresso estético, a condição é preservar as fontes locais, e para cultivar o tema provinciano há que pelo menos tomar ciência das atualidades”⁵⁷.

Esta concisa história da poesia gaúcha de Fischer, um livreto com 141 páginas, atém-se na relação imprensa-literatura, principalmente no âmbito das revistas literárias e movimentos idealistas. Também resgata a produção poética de Mario Quintana, mas não observa a relação do poeta com a imprensa da época⁵⁸. Infere-se, portanto, que o quadro traçado na obra de Fischer demonstra a imprensa como parte da história da poesia gaúcha, agindo de forma ativa, sendo referência para criação de periódicos e palco de discussões críticas e debates no âmbito social e literário da época.

55 FISCHER, 1998.

56 FISCHER, 1998, p. 73.

57 FISCHER, 1998, p. 78.

58 Como aponta brevemente Schüler (1987).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existem muitas maneiras de se buscar e se adquirir conhecimento. Além das experiências cotidianas, é possível fazê-lo através da leitura de um livro, de um jornal, de uma revista. A imprensa – jornais, sites, rádio, revistas, televisão etc. – possui, desde duas primeiras articulações, os princípios basilares de formar, informar e entreter. Esta tríade representa a função social da imprensa e faz alusão à sua intrínseca relação com a literatura.

A imprensa torna-se, assim, veículo de informação indispensável à compreensão de um dado momento histórico – e de um cenário específico, por sua instantaneidade e por funcionar como um dos mais poderosos instrumentos de análise e registro, ao fomentar comentários e emitir parecer, com a pretensão de gerar posicionamento diante dos fatos.

Nesses termos, se a imprensa é um dos meios de expressão da sociedade, é inegável o fato de ser possível compreendê-la como meio para criar a identidade de determinado povo. Todavia, nos momentos de controvérsia, de surgimento de idealistas com sentimento de mudança, é que essa relação fica mais aparente. Esse fator é identificado claramente no livro de Fischer⁵⁹, quando o autor descreve a relação da Sociedade Partenon Literário e do Grupo Quixote com a imprensa – ambos surgem com o anseio de criar um periódico com vistas a comunicar seus ideais.

Outro papel da imprensa identificado na história da poesia gaúcha é o da influência, pois os veículos de comunicação são vistos como espaços de publicação de conteúdo literário, oportunidade inclusive para os poetas desbravadores e que lutam por espaço no cânone.

Cabe, ainda, destacar a função da imprensa na poesia gaúcha para integração social e conformação da nova realidade literária da época. Ademais, a juventude engajada objetiva utilizar a imprensa e a publicação de periódicos para transmitir valores e lançar conteúdo para uma Porto Alegre ainda presa ao rigor literário. Através da imprensa, é possível propagar informação, lançar ideais e impulsionar a transformação.

Se o efêmero é parte da imprensa, esta tende a aceitar mudanças e as promover. Embora Schüller⁶⁰ utilize tal fato como depreciativo, essa característica também é uma saída para literatura, naturalmente mais fixa, pois pode utilizar da imprensa para propagar suas poesias e divulgar obras, fato verificado na história da poesia gaúcha.

59 FISCHER, 1998.

60 SCHÜLER, 1987.

Assim, supõe-se que a imprensa se relaciona diretamente com a história da poesia gaúcha, pois coincide em ambas o propósito de formar no leitor o processo gerador de conhecimento consciente. E, quiçá, o desejo de que uma sociedade sedenta de curiosidade e espetacularização possa se transformar em uma sociedade também sedenta por conhecimento.

Pontua-se, por fim, que o assunto aqui tratado é parte inicial de um processo de pesquisa que alinha os campos teóricos da imprensa, do jornalismo e da literatura, sem pretensão de esgotar as possibilidades analíticas das obras que compõem o *corpus*. O objetivo de refletir sobre o papel da imprensa na história da poesia gaúcha resulta em apontamentos iniciais com vistas a lançar novas investigações, tanto associadas a análises mais profundas sobre a história da imprensa no Rio Grande do Sul quanto referente à historiografia da poesia gaúcha a partir da história da imprensa.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2006.

BARRENTO, João (org.). *História literária: problemas e perspectivas*. Lisboa: Apáginastantas, 1986.

BULHÕES, Marcelo. *Jornalismo e literatura em convergência*. São Paulo: Ática, 2007.

CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (org.). *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p. 13-14.

COSSON, Rildo. *Fronteiras contaminadas: literatura como jornalismo e jornalismo como literatura no Brasil dos anos 1970*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2007.

FISCHER, Luís Augusto. *Um passado pela frente: poesia gaúcha ontem e hoje*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Editora Ática, 1994.

LAJOLO, Marisa. Literatura e história da literatura: senhoras muito intrigantes. In: MALLARD, Leticia *et al.* (org.). *História da literatura: ensaios*. Campinas: Editora da Unicamp, 1995. p. 19-36.

LIMA, Alceu Amoroso. *O jornalismo como gênero literário*. Rio de Janeiro: Agir, 1969.

MEDINA, Cremilda. *Povo e personagem*. Canoas: Ulbra, 1996.

NASCIMENTO, Patrícia Ceolin. *Técnicas de redação em jornalismo: o texto da notícia*. São Paulo: Saraiva, 2009.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Vozes, 2007.

PENA, Felipe. *Jornalismo literário*. São Paulo: Contexto, 2019.

PEREIRA LIMA, Edvaldo. *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. São Paulo: Editora Unicamp, 1995.

PERKINS, David. História da literatura e narração. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 1-58, mar. 1999.

PREDEBON, José. *Criatividade: abrindo o lado inovador da mente – um caminho para o exercício prática dessa potencialidade, esquecida ou reprimida quando deixamos de ser crianças*. São Paulo: Atlas, 2010.

PRESTES, Felipe Nascimento. *Crucial: literatura e idealismo em Porto Alegre [1951-54]*. 2009. Trabalho de Conclusão do Curso (Graduação em Comunicação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <http://bit.ly/2pq4vun>. Acesso em: 1 ago. 2019.

ROCHA, João Cezar de C. (org.). *Roger Chartier; a força das representações: história e ficção*. Chapecó: Argos, 2011.

SCHÜLER, Donaldo. *A poesia no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

SCLIAR, Moacyr. Jornalismo e literatura: a fértil convivência. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (org.). *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p. 13-14.

SILVA, Juremir Machado da. O que escrever quer calar? Literatura e jornalismo. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (org.). *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

STRELOW, Aline do Amaral Garcia. Imprensa literária no Rio Grande do Sul no século XIX: textos e contextos. In: Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, 11, Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 34., 2012. *Anais* [...]. Porto Alegre: Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2012. p. 1-9. Disponível em: <http://bit.ly/2orsZD6>. Acesso em: 10 set. 2019.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. Fronteiras híbridas: o jornalismo e suas múltiplas delimitações. In: TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa; SANTOS, Marli dos (org.). *Fronteiras híbridas do jornalismo*. Curitiba: Appris, 2015. p. 21-34.

Recebido em: 07/06/2022 – Entregue em: 25/02/2023